

DOMINGO I DA QUARESMA

CIC 394, 538-540, 2119: a tentação de Jesus

- 394** A Escritura atesta a influência nefasta daquele que Jesus chama «o assassino desde o princípio» (*Jo* 8, 44), e que chegou ao ponto de tentar desviar Jesus da missão recebida do Pai¹. «Foi para destruir as obras do Diabo que apareceu o Filho de Deus» (1 *Jo* 3, 8). Dessas obras, a mais grave em consequências foi a mentirosa sedução que induziu o homem a desobedecer a Deus.
- 538** Os evangelhos falam dum tempo de solidão que Jesus passou no deserto, imediatamente depois de ter sido batizado por João: «Impelido» pelo Espírito para o deserto, Jesus ali permanece sem comer durante quarenta dias. Vive com os animais selvagens e os anjos servem-n'O². No fim desse tempo, Satanás tenta-O por três vezes, procurando pôr em causa a sua atitude filial para com Deus; Jesus repele estes ataques, que recapitulam as tentações de Adão no paraíso e de Israel no deserto; e o Diabo afasta-se d'Ele «até determinada altura» (*Lc* 4, 13).
- 539** Os evangelistas indicam o sentido salvífico deste acontecimento misterioso. Jesus é o Novo Adão, que Se mantém fiel naquilo em que o primeiro sucumbiu à tentação. Jesus cumpre perfeitamente a vocação de Israel: contrariamente aos que outrora, durante quarenta anos, provocaram a Deus no deserto³, Cristo revela-Se o Servo de Deus totalmente obediente à vontade divina. Nisto, Jesus vence o Diabo: «amarrou o homem forte», para lhe tirar os despojos⁴. A vitória de Jesus sobre o tentador, no deserto, antecipa a vitória da paixão, suprema obediência do seu amor filial ao Pai.
- 540** A tentação de Jesus manifesta a maneira própria de o Filho de Deus ser Messias, ao contrário da que Lhe propõe Satanás e que os homens⁵ desejam atribuir-Lhe. Foi por isso que Cristo venceu o Tentador, *por nós*: «Nós não temos um sumo-sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas; temos um, que possui a experiência de todas as provações, tal como nós, com exceção do pecado» (*Heb* 4, 15). Todos os anos, pelos quarenta dias da *Grande Quaresma*, a Igreja une-se ao mistério de Jesus no deserto.
- 2119** *Tentar a Deus* consiste em pôr à prova, por palavras ou actos, a sua bondade e a sua onipotência. Foi assim que Satanás quis que Jesus se atirasse do templo

¹ Cf. *Mt* 4, 1-11.

² Cf. *Mc* 1, 13.

³ Cf. *Sl* 95, 10.

⁴ Cf. *Mc* 3, 27.

⁵ Cf. *Mt* 16, 21-23.

abaixo, para com isso forçar Deus a intervir⁶. Jesus opôs-lhe a Palavra de Deus: «Não tentarás o Senhor teu Deus» (*Dt* 6, 16). O desafio contido em semelhante tentação a Deus fere o respeito e a confiança que devemos ao nosso Criador e Senhor, implicando sempre uma dúvida relativamente ao seu amor, à sua providência e ao seu poder⁷.

CIC 2846-2849: “Não nos deixeis cair em tentação”

2846 Esta petição atinge a raiz da precedente, porque os nossos pecados são fruto do consentimento na tentação. Nós pedimos ao nosso Pai que não nos «deixe cair» na tentação. Traduzir numa só palavra o termo grego é difícil. Significa «não permitas que entre em»⁸, «não nos deixes sucumbir à tentação». «Deus não é tentado pelo mal, nem tenta ninguém» (*Tg* 1, 13). Pelo contrário, Ele quer livrar-nos do mal. O que Lhe pedimos é que não nos deixe seguir pelo caminho que conduz ao pecado. Nós andamos empenhados no combate «entre a carne e o Espírito». Esta petição implora o Espírito de discernimento e de fortaleza.

2847 O Espírito Santo permite-nos *discernir* entre a provação, necessária ao crescimento do homem interior⁹ em vista duma virtude «comprovada»¹⁰, e a tentação que conduz ao pecado e à morte¹¹. Devemos também distinguir entre «ser tentado» e «consentir» na tentação. Finalmente, o discernimento desmascara a mentira da tentação: aparentemente, o seu objecto é «bom, agradável à vista, desejável» (*Gn* 3, 6), quando, na realidade, o seu fruto é a morte.

«Deus não quer impor o bem, quer seres livres [...]. Para alguma coisa serve a tentação. Ninguém, senão Deus, sabe o que a nossa alma recebeu de Deus, nem nós próprios. Mas a tentação manifesta-o para nos ensinar a conhecermo-nos e desse modo descobrir a nossa miséria e obrigar-nos a dar graças pelos bens que a tentação nos manifestou»¹².

2848 «Não entrar em tentação» implica uma *decisão do coração*: «Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração [...] Ninguém pode servir a dois senhores» (*Mt* 6, 21, 24). «Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também segundo o Espírito» (*Gl* 5, 25). É neste «consentimento» ao Espírito Santo que o Pai nos dá a força. «Não vos surpreendeu nenhuma tentação que tivesse ultrapassado a medida humana. Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças, mas, com a tentação, vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar» (*1 Cor* 10, 13).

2849 Ora um tal combate e uma tal vitória só são possíveis pela oração. Foi pela oração que Jesus venceu o Tentador desde o princípio¹³ e no último combate

⁶ Cf. *Lc* 4, 9.

⁷ Cf. *1 Cor* 10, 9; *Ex* 17, 2-7; *Sl* 95, 9.

⁸ Cf. *Mt* 26, 41.

⁹ Cf. *Lc* 8, 13-15; *Act* 14, 22; *2 Tm* 3, 12.

¹⁰ Cf. *Rm* 5, 3-5.

¹¹ Cf. *Tg* 1, 14-15.

¹² ORÍGENES, *De oratione*, 29, 15 e 17: GCS 3, 390-391 (PG 11, 541-544).

¹³ Cf. *Mt* 4, 1-11.

da sua agonia¹⁴. Foi ao seu combate e à sua agonia que Cristo nos uniu nesta petição ao nosso Pai. A *vigilância* do coração é lembrada com insistência¹⁵ em comunhão com a sua. A vigilância é a «guarda do coração» e Jesus pede ao Pai que «nos guarde em seu nome»¹⁶. O Espírito Santo procura incessantemente despertar-nos para esta vigilância¹⁷. Esta petição adquire todo o seu sentido dramático, quando relacionada com a tentação final do nosso combate na terra: ela pede a *perseverança final*. «Olhai que vou chegar como um ladrão: feliz de quem estiver vigilante!» (Ap 16, 15).

CIC 1505: Cristo livra-nos do mal

1505 Comovido por tanto sofrimento, Cristo não só Se deixa tocar pelos doentes, como também faz suas as misérias deles: «Tomou sobre Si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças» (Mt 8, 17)¹⁸. Ele não curou todos os doentes. As curas que fazia eram sinais da vinda do Reino de Deus. Anunciavam uma cura mais radical: a vitória sobre o pecado e sobre a morte, mediante a sua Páscoa. Na cruz, Cristo tomou sobre Si todo o peso do mal¹⁹ e tirou «o pecado do mundo» (Jo 1, 29), do qual a doença não é mais que uma consequência. Pela sua paixão e morte na cruz, Cristo deu novo sentido ao sofrimento: desde então, este pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora.

CIC 142-143, 309: a fé é submissão a Deus, assentimento a Deus, resposta ao mal

142 *Pela sua revelação*, «Deus invisível, na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele»²⁰. A resposta adequada a este convite é a fé.

143 *Pela fé*, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador²¹. A Sagrada Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador²².

309 Se Deus Pai todo-poderoso, Criador do mundo ordenado e bom, tem cuidado com todas as suas criaturas, porque é que o mal existe? A esta questão, tão premente como inevitável, tão dolorosa como misteriosa, não é possível dar uma resposta rápida e satisfatória. É o conjunto da fé cristã que constitui a resposta a esta questão: a bondade da criação, o drama do pecado, o amor paciente de Deus que vem ao encontro do homem pelas suas alianças, pela Encarnação redentora de seu Filho, pelo dom do Espírito, pela agregação à Igreja, pela força dos sacramentos, pelo chamamento à vida bem-aventurada, à qual as criaturas

¹⁴ Cf. Mt 26, 36-44.

¹⁵ Cf. Mc 13, 9.23.33-37; 14, 38; Lc 12, 35-40.

¹⁶ Cf. Jo 17, 11.

¹⁷ Cf. 1 Cor 16, 13; Cl 4, 2; 1 Ts 5, 6; 1 Pe 5, 8.

¹⁸ Cf. Is 53, 4.

¹⁹ Cf. Is 53, 4-6.

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 2: AAS 58 (1966) 818.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

²² Cf. Rm 1, 5; 16, 26.

livres são de antemão convidadas a consentir, mas à qual podem, também de antemão, negar-se, por um mistério terrível. *Não há nenhum pormenor da mensagem cristã que não seja, em parte, resposta ao problema do mal.*

CIC 59-63: Deus forma o seu povo sacerdotal através de Abraão e do Êxodo

- 59** Para reunir a humanidade dispersa, Deus escolhe Abrão, chamando-o para «deixar a sua terra, a sua família e a casa de seu pai» (*Gn* 12, 1), para o fazer Abraão, quer dizer, «pai de um grande número de nações» (*Gn* 17, 5): «Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra» (*Gn* 12, 3)²³.
- 60** O povo descendente de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo eleito²⁴, chamado a preparar a reunião, um dia, de todos os filhos de Deus na unidade da Igreja²⁵. Será o tronco em que serão enxertados os pagãos tornados crentes²⁶.
- 61** Os patriarcas, os profetas e outras personagens do Antigo Testamento foram, e serão sempre, venerados como santos em todas as tradições litúrgicas da Igreja.
- 62** Depois dos patriarcas, Deus formou Israel como seu povo, salvando-o da escravidão do Egípto. Concluiu com ele a aliança do Sinai e deu-lhe, por Moisés, a sua Lei, para que Israel O reconhecesse e O servisse como único Deus vivo e verdadeiro, Pai providente e justo Juiz, e vivesse na expectativa do Salvador prometido²⁷.
- 63** Israel é o povo sacerdotal de Deus²⁸, sobre o qual «foi invocado o Nome do Senhor» (*Dt* 28, 10). É o povo daqueles «a quem Deus falou em primeiro lugar»²⁹, o povo dos «irmãos mais velhos» na fé de Abraão³⁰.

²³ Cf. *Gl* 3, 8.

²⁴ Cf. *Rm* 11, 28.

²⁵ Cf. *Jo* 11, 52; 10, 16.

²⁶ Cf. *Rm* 11, 17-18. 24.

²⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 3: AAS 58 (1966) 818.

²⁸ Cf. *Ex* 19, 6.

²⁹ *Sexta-Feira da Paixão do Senhor, Oração universal VI: Missale Romanum*, editio typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1975, p. 254 [a tradução oficial portuguesa omite este particular: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 259.267].

³⁰ JOÃO PAULO II, *Discurso na sinagoga durante o encontro com a comunidade hebraica da cidade de Roma* (13 de Abril de 1986), 4: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IX/1, 1027.